

O ENSINO DOS CRUZAMENTOS E DAS TROCAS DE POSTOS ESPECÍFICOS NO HANDEBOL: Uma Abordagem a Partir de Diferentes Métodos de Ensino

Rafael Pombo Menezes

Resumo: O objetivo deste trabalho foi apontar a importância do ensino dos cruzamentos e das trocas de postos específicos no handebol, visando viabilizar o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) de tais conteúdos desde as etapas de iniciação até o aperfeiçoamento na modalidade. Para isso, são apresentadas atividades baseadas em três métodos de ensino dos esportes coletivos (analítico-sintético, global-funcional e situacional) como alternativas e ferramentas para as aulas/treinamentos. O desenvolvimento de ambos os meios técnico-táticos apresentados deve estar relacionado com as situações impostas pelo contexto técnico-tático do jogo, priorizando uma iniciação esportiva de forma plural e complexa, com situações adequadas aos princípios operacionais ofensivos e defensivos.

Palavras-chave: Pedagogia do Esporte; Ensino; Handebol.

TEACHING OF THE CROSSES AND OF TRADE IN SPECIFIC POSTS IN HANDBALL: An Approach from Different Teaching Methods

Abstract: *The aim of this work was to show the importance of crosses and trades in specific posts teaching in handball, to make possible the teaching-learning-training of such contents from the stages of initiation to the perfecting in this sport. Thus, activities are presented based on three methods of teaching team sports (analytic-synthetic, global-functional and situational) as alternatives and tools for classes/training. The development of both technical-tactical combinations presented should be related to the situations imposed by technical-tactical game context, prioritizing a plural and complex sport initiation, with appropriate situations to the offensive and defensive operational principles.*

Keywords: *Sports Pedagogy; Teaching; Handball.*

INTRODUÇÃO

Os esportes coletivos têm se tornado uma rica fonte de estudos para diferentes áreas do conhecimento, fenômeno este causado pela sua exposição nos diferentes meios de comunicação e também pela relevância alcançada no contexto social. Trata-se de uma manifestação cultural que ora é abordada na esfera do rendimento e dos resultados (individuais e coletivos), ora é pesquisada enquanto ferramenta de promoção de sociabilização e suas relações com o desenvolvimento motor e cognitivo.

O handebol, especificamente, é apresentado em um contexto imprevisível e complexo para os jogadores, sejam esses iniciantes ou experientes, características essas que são compartilhadas pelas demais modalidades de invasão (nas quais uma equipe pode aproveitar-se dos espaços da quadra adversária para marcar seus pontos) como é o caso, por exemplo, do basquete, do futsal e do hóquei, nos quais predominam trajetórias acompanhadas pela circulação da bola ou do implemento (GARGANTA, 1995).

Em meio a esse ambiente complexo e dinâmico, as interações entre jogadores da mesma equipe e/ou entre jogadores adversários definem as táticas (nas fases ofensiva e defensiva) a serem utilizadas inteligentemente, e de forma contextualizada, na tentativa de obter êxito em ambas as fases. Essa leitura das situações do jogo (ou do cenário técnico-tático) e o repertório de ações e possibilidades que os jogadores possuem para tomar suas decisões como as capacidades de percepção, antecipação e tomada de decisão (GRECO, 1992), podem estar relacionados diretamente com os métodos de ensino aos quais esses foram submetidos e, conseqüentemente, aos estímulos recebidos por esses durante o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT).

Os conteúdos do handebol englobam os fundamentos (ou elementos técnicos: passe, recepção, empunhadura, arremesso, drible, ritmo trifásico e duplo ritmo trifásico), os meios técnico-táticos ofensivos e defensivos – ambos divididos em individuais, grupais e coletivos (SANTOS *et al.*, 2009) – e os sistemas de jogo (ofensivos e defensivos). Para Antón (1998) os meios técnico-táticos ofensivos coletivos são: passa e vai, bloqueios, penetrações sucessivas, cortina, troca de postos específicos e cruzamentos. Nesta pesquisa serão abordados os dois últimos (troca de postos específicos e cruzamentos). Esses conteúdos podem ser ensinados com diferentes finalidades, desde a iniciação esportiva até a prática por atletas profissionais (GRECO; BENDA, 1998; GALATTI; PAES, 2007). Em específico nesta pesquisa serão analisadas as implicações da execução de dois meios técnico-táticos ofensivos

coletivos: os cruzamentos e as trocas de postos específicos, além do processo de EAT dos mesmos.

A execução dos meios técnico-táticos ofensivos tem como principal premissa a obtenção de situações vantajosas para os atacantes, seja pela criação de superioridade numérica (4 x 3, 3 x 2, 2 x 1, 1 x 0...) ou pelo desequilíbrio corporal dos defensores. A situação de 1 x 0 é citada por Antón (1998) como a melhor possibilidade de anotação dos gols, principal objetivo do jogo. Essas diferentes situações de superioridade numérica devem ser estimuladas, especialmente, em duas etapas do ensino da modalidade que serão abordadas nesta pesquisa: a transição do período de formação básica (11-12 anos – categoria mirim, ou nível 1) para o de treinamento básico (13-14 anos – categoria infantil, ou nível 2) e o treinamento de formação (categorias cadete e juvenil, sendo os níveis 3 e 4, respectivamente). Essas diferenciações entre os níveis estão de acordo com a proposta de Ehret *et al.* (2002), concebida a partir de um modelo de longo prazo, que engloba desde a iniciação à modalidade até o seu treinamento de performance.

O objetivo desta pesquisa é apontar a importância do ensino dos cruzamentos e das trocas de postos específicos no handebol, sugerindo possibilidades para a viabilização do processo de EAT de tais conteúdos nas etapas de iniciação e aperfeiçoamento no handebol.

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS COLETIVOS: Cruzamentos E Trocas De Postos Específicos

Para o bom desenvolvimento dos meios técnico-táticos ofensivos é necessário que os atacantes percebam os padrões de jogo defensivo de forma individual e coletiva, e busquem, a partir dessas informações, intervir de forma inteligente no cenário técnico-tático. A presença de mais atacantes permite um desencadeamento de elementos que objetivem contemplar os princípios operacionais da fase ofensiva do jogo (BAYER, 1994), como a manutenção da posse da bola e a progressão na direção do gol adversário e que, ainda assim permitam buscar a finalização de zonas e situações favoráveis.

Os jogadores buscam contemplar, independentemente do sistema ofensivo adotado e das funções táticas desempenhadas por cada um desses, a anotação dos gols a partir de meios que os permitam obter situações vantajosas para tal. Calvo *et al.* (2004, p.53) afirmam que a “variabilidade nas ações de ataque vai constituir um dos parâmetros essenciais na organização do jogo coletivo ofensivo nas equipes de alto nível” o possibilita ao ataque maior eficácia devido às constantes, e imprevisíveis, perturbações impostas aos defensores.

Troca de postos específicos ou permutas

As trocas de postos específicos constituem um meio técnico-tático com grande âmbito de aplicação. Trata-se da mudança de postos específicos (posições ou funções táticas) sem a posse da bola, podendo ocorrer entre atacantes da mesma linha, de linhas diferentes ou simultaneamente. Antón (1998, p.218) afirma que “as trocas de postos dão ao ataque uma grande mobilidade e obrigam os defensores a modificar constantemente seu posicionamento e responsabilidade”.

Essa troca de postos objetiva dividir a atenção dos defensores entre os movimentos realizados e a posição da bola, assim como mudar as referências individuais dos defensores em relação aos atacantes. Dessa forma, os atacantes obrigam os defensores a se adaptarem às diferentes características desses, mudando sua posição ou a forma de marcação constantemente (ANTÓN, 1998).

Sua aplicação pode ser eficaz tanto contra sistemas defensivos individuais, zonais (em uma, duas ou três linhas) e mistos. Na Figura 1 está representada, diante de um sistema defensivo zonal (6:0), a troca de postos específicos entre os armadores central e esquerdo após o passe do armador central para o armador direito.

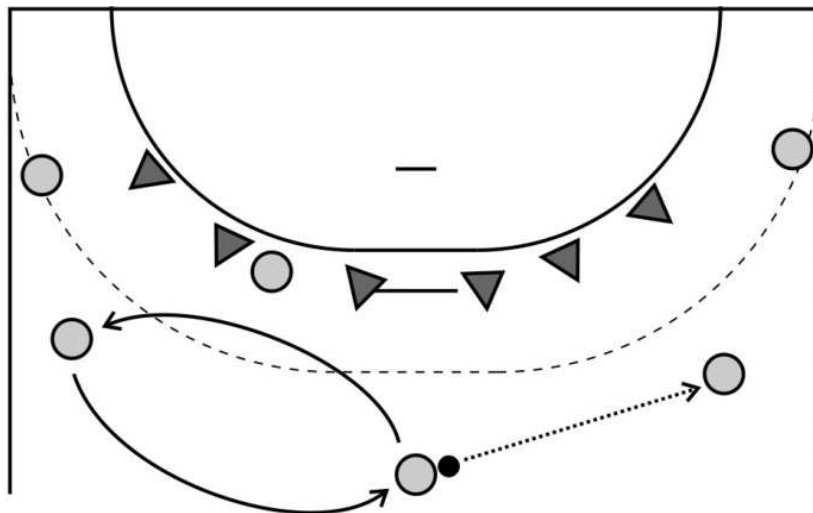


Figura 1 - Representação da troca de postos específicos entre os armadores central e esquerdo. O passe é feito do armador central para o armador direito. Os defensores são representados por triângulos e os atacantes por círculos.

Cruzamentos

O cruzamento também é uma troca de postos específicos, porém o jogador que possui a bola atua como iniciador. Romero *et al.* (1999) afirmam que o cruzamento é a troca de

zonas de ataque entre dois ou mais jogadores, de forma premeditada e que, a partir de fixações (MENEZES, 2011), seja provocado o erro na defesa para que o companheiro aproveite essa circunstância. Esse meio técnico-tático, a exemplo das trocas de postos específicos, também podem ocorrer entre jogadores da mesma linha ou entre linhas diferentes (CUESTA, 1991).

Para Antón (2000, p.187-188) o cruzamento é “uma interação entre dois atacantes [...] que realizam suas trajetórias em sentido contrário fazendo-as coincidir em um ponto, de tal maneira que o possuidor inicial fixa seu oponente direto”. O autor ainda cita como fator relevante a dificuldade das ações dos defensores, que permite ao atacante que receberá a bola aproveitar e explorar o espaço criado. Cuesta (1991) afirma que a eficácia do cruzamento está relacionada com o retardo ou a anulação das ações dos defensores, bem como a busca dos atacantes pelos espaços livres, tanto por parte do iniciador como pelo beneficiário (segundo jogador; ANTÓN, 1998).

Na Figura 2 estão representadas, diante do sistema defensivo 6:0, duas possibilidades de cruzamentos (em A ocorre entre jogadores da mesma linha ofensiva – armadores central e esquerdo –; e em B entre jogadores de diferentes linhas ofensivas – armador direito e ponta direita), como citado por Cuesta (1991).

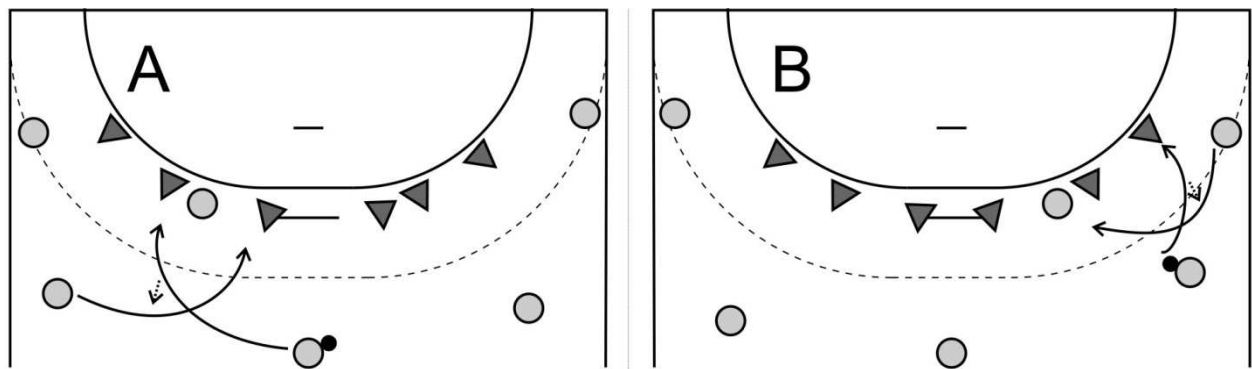


Figura 2 - Cruzamento entre o armador central e o armador esquerdo (em A) e entre o armador direito e o ponta direita (em B). Os defensores são representados por triângulos e os atacantes por círculos.

ASPECTOS RELEVANTES PARA O ENSINO DA TROCA DE POSTOS ESPECÍFICOS E DO CRUZAMENTO

A proposição do ensino de novos conteúdos para os iniciantes na modalidade, aproximadamente por volta dos 12 anos de idade (que marca a transição entre as categorias mirim e infantil ou, para EHRET *et al.* (2002), entre a formação básica e o treinamento

básico), deve ser baseada no nível de desenvolvimento dos alunos e, ao mesmo tempo, respeitar os períodos sensíveis (BEE, 2003; VIEIRA; VIEIRA, 2006). A principal opção a ser adotada está relacionada ao sistema defensivo individual (ANTÓN, 1990; EHRET *et al.*, 2002) que, segundo Menezes (2010), implica técnico-taticamente na relação de oposição entre atacante e defensor com grande proximidade, propiciando o desenvolvimento das táticas individuais ofensivas (como a finta, as progressões e o desmarque) e defensivas (como a marcação).

Essa proximidade cada vez maior, pretendida pelo defensor no sistema individual, proporciona também o desenvolvimento dos meios técnico-táticos coletivos aqui expostos (troca de postos específicos e cruzamento). Em se considerando tais sistemas, a troca de postos específicos pode ser utilizada para a produção de espaços e aproveitamento desses por outros atacantes, conforme apresentado na Figura 3 (A e B).

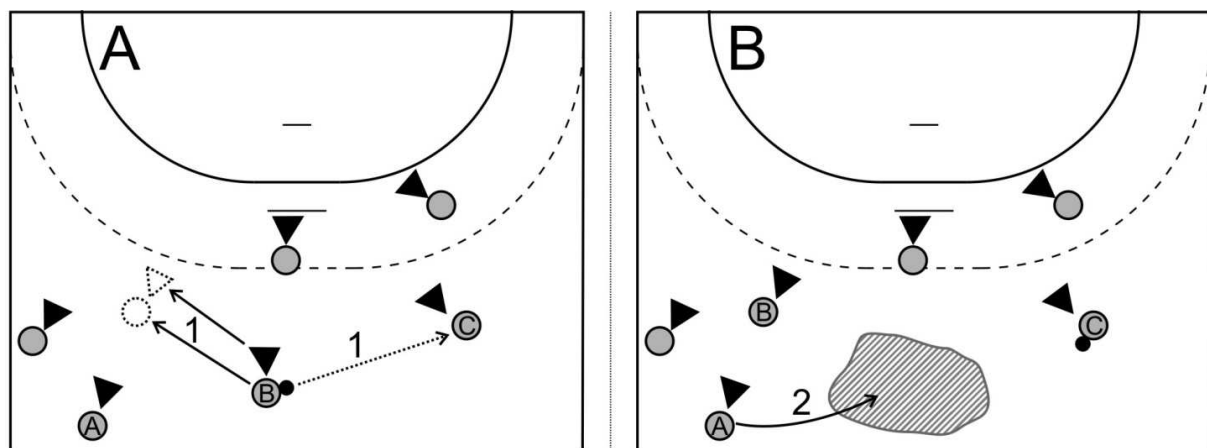


Figura 3 - Espaço produzido (área hachurada em B) pela saída do atacante que realiza o passe para o companheiro e se desloca para outra direção (em A). Os defensores são representados por triângulos e os atacantes por círculos.

Na situação de troca de postos específicos apresentada na Figura 3 (A e B), o jogador B passa a bola para o jogador C e, imediatamente, “abandona” sua região, que provoca simultaneamente o deslocamento do seu marcador direto para a mesma região oposta à da bola (ambos os deslocamentos estão representados pelas setas de número 1 e os posicionamentos futuros representados pelas formas tracejadas). O espaço criado pela saída do jogador B (área hachurada) passa a ser possível para o jogador A (deslocamento número 2).

Os cruzamentos, em situações semelhantes (marcação individual), também podem ser apresentados como uma forma viável para a criação de espaços, conforme representado na Figura 4.

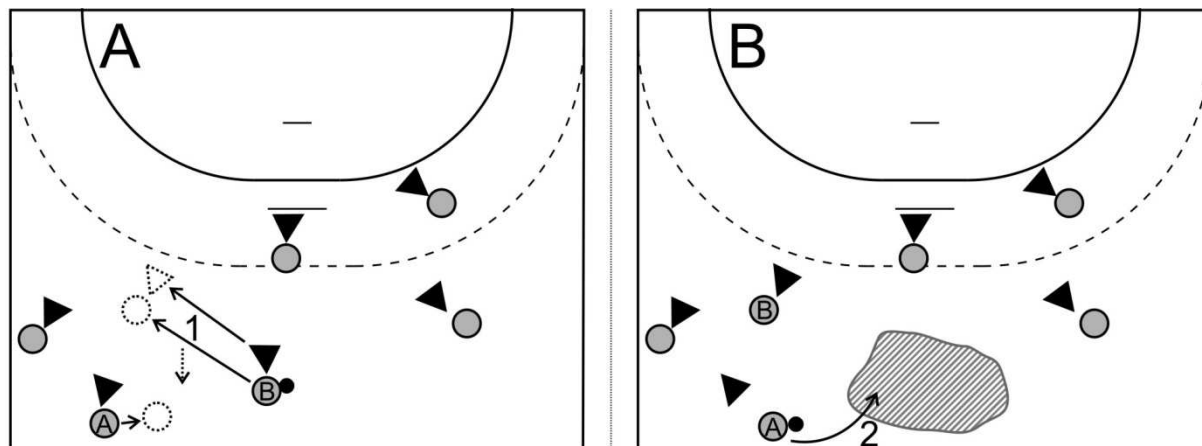


Figura 4 - Espaço produzido (área hachurada em B) após a saída do atacante para o cruzamento com seu companheiro (em A). Os defensores são representados por triângulos e os atacantes por círculos.

Nota-se o deslocamento do jogador B, em posse da bola, na direção do jogador A; tal deslocamento (ou progressão) provoca a criação do espaço representado pela região hachurada. O passe é feito para o jogador A, que se aproveita do espaço criado para deslocar-se rapidamente e obter uma situação vantajosa em relação ao seu marcador direto.

Baseando-se nas funcionalidades de ambos os meios técnico-táticos ofensivos, o professor/técnico pode pautar suas atividades em um caráter lúdico (que constitui um elemento chave nessa faixa etária ou etapa do processo de EAT), a partir de brincadeiras ou jogos que visem a minimização da excessiva posse da bola pelos jogadores (problema apontado por BAYER, 1985 *apud* VIEIRA; VIEIRA, 2006) e pautando-se, entre outros, nos princípios do método global-funcional. Enfatiza-se, portanto, a necessidade de desenvolver nesses alunos a ideia do jogo coletivo, de jogar com os companheiros (ajudando-os, por exemplo, nas questões que envolvem a produção dos espaços) e, ainda, de apresentar as inúmeras possibilidades de se jogar sem a posse da bola.

O método de ensino dos esportes coletivos denominado de global-funcional tem como características o ensino do jogo em sua forma “jogada” e coletiva, a partir do desenvolvimento técnico-tático em que o jogador deve aprender a lógica do jogo, suas possíveis associações (GALATTI; PAES, 2007) e tomadas de decisão que sejam críticas e

contextualizadas (SANTANA, 2005). Outro pressuposto deste método reside no fato de contrapor o conceito da fragmentação da modalidade, preconizada pelo método analítico-sintético, em que o ensino é dado a partir da soma de suas partes ou de seus fundamentos, conforme descrito por Reis (2006).

Na medida em que os jogadores passam pelo processo de aperfeiçoamento dentro da modalidade, outros métodos de ensino dos esportes coletivos podem se apresentar de forma interessante e eficaz para o ensino desses conteúdos. Na etapa do treinamento de formação dos jogadores (transição entre as categorias cadete e juvenil), além dos estímulos oriundos das formas complexas de jogo, por se tratar de maior predominância do jogo posicional (é desenvolvido próximo ao gol adversário e apresenta grande densidade de jogadores; MOREIRA; TAVARES, 2004) quando comparado com as categorias anteriores, outros estímulos devem ser dados, inclusive de forma analítica.

O jogador, portanto, deve entender o contexto no qual um ou outro meio técnico-tático possa ser utilizado. Não podemos dissociar, ao pensarmos em um jogo que exige tomadas de decisão rápidas e inteligentes em um contexto com natureza complexa e multiplicidade de situações (BALBINO; PAES, 2005), a questão do “como fazer” de outras como “por que fazer”, “quando fazer”, “onde fazer” ou mesmo “com quem fazer” (GARGANTA, 1995). Essa tomada de decisão deve respeitar, contudo, as relações espaço-temporais-situacionais (MENEZES, 2011).

ATIVIDADES E JOGOS PROPOSTOS PARA O ENSINO DO CONTEÚDO

É importante que haja um balizamento do ensino dos meios técnico-táticos, haja vista a importância atribuída a esses no contexto do jogo, seja no jogo de iniciação ou no jogo de alto nível. Sendo assim, serão apresentados dois jogos para a iniciação, dois exercícios analíticos e uma situação de jogo para o ensino da troca de postos específicos e do cruzamento. Os jogos propostos podem ser interessantes quando objetivamos a não exclusão da complexidade inerente ao jogo de handebol na iniciação à modalidade.

Jogos propostos:

O primeiro jogo é um jogo de 10 passes (por vezes chamado de passa 10), que pode ser iniciado com “bola ao alto” com os jogadores de ambas as equipes misturados, sendo desenvolvido em meia quadra ou outro espaço reduzido. As regras iniciais (sugeridas) são:

- não é permitido o drible (“quicar” a bola);

- o jogador que realiza um passe deverá deslocar-se na direção contrária à trajetória da bola (troca de postos específicos);
- marca-se um ponto quando são completados 10 passes entre os jogadores da mesma equipe.

A equipe sem a posse da bola tentará recuperá-la para iniciar seu processo ofensivo. Estão envolvidos nesta atividade os princípios ofensivos de manutenção da posse da bola e marcação do ponto, além dos princípios defensivos de recuperação da posse da bola e de evitar a anotação dos pontos do adversário. Conservam-se, ainda, as características principais da modalidade, que são a invasão, a cooperação e a relação de oposição. Uma variação que pode ser apresentada é com o ponto sendo anotado quando o jogador em posse da bola cruza a linha limítrofe da quadra adversária (representada na Figura 5 pelas barras laterais).

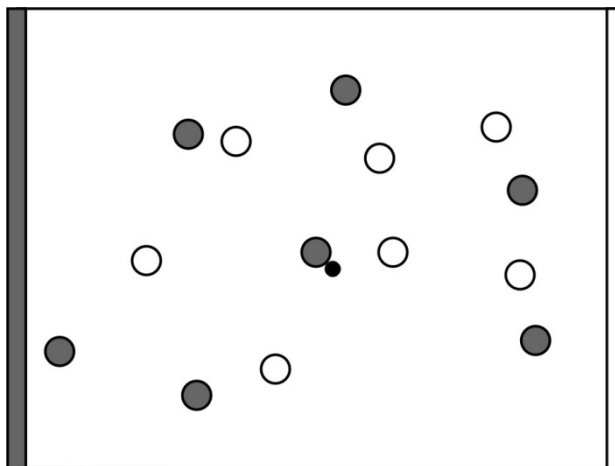


Figura 5 - Estrutura inicial do jogo de 10 passes. As barras laterais indicam a região da quadra que deve ser defendida pelas respectivas equipes (as cores dos círculos diferenciam essas).

O segundo jogo também ocorre entre duas equipes, com disposição inicial semelhante ao jogo 1, cujo objetivo é ultrapassar as linhas limítrofes da quadra adversária com a posse da bola após um determinado número de cruzamentos executados (dois ou três, por exemplo). Os passes podem ser realizados, inclusive, sem a pretensão de um cruzamento, simplesmente para que a bola chegue a uma região em que este seja facilitado. É anotado um cruzamento quando o jogador que receberá a bola passar por trás do jogador em posse da bola e recebê-la. Anota-se um ponto quando o atacante em posse da bola cruza as linhas limítrofes da quadra. É permitido ao jogador com a posse da bola driblar livremente. Com base nessa estrutura, são possíveis algumas variações:

- **Varição 1:** a equipe deve completar um determinado número de cruzamentos para que um ponto seja anotado;
- **Varição 2:** a equipe deve completar cruzamentos em diferentes setores da quadra (como representado na Figura 6 - A e B);
- **Varição 3:** o jogador com a posse da bola poderá dar, no máximo, três passos, um drible e mais três passos e para passá-la ao companheiro.

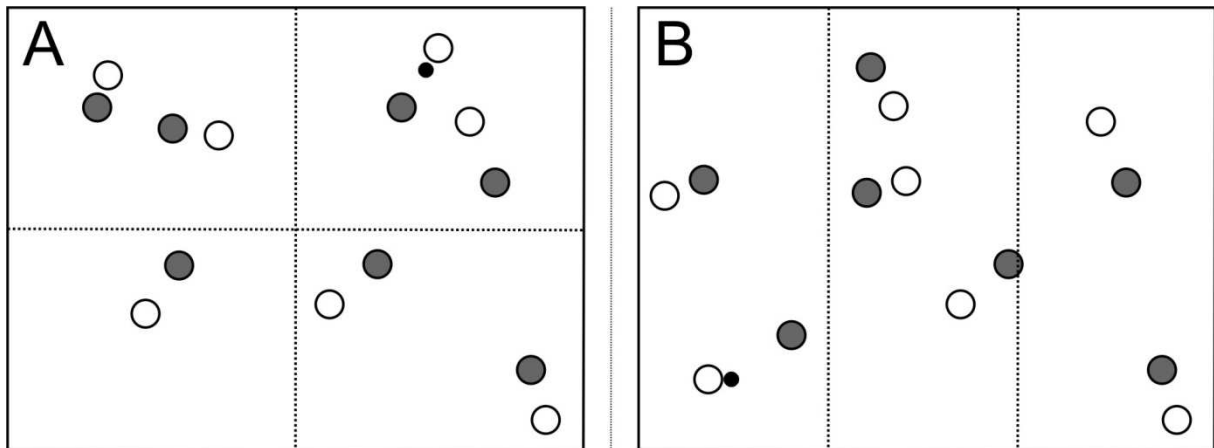


Figura 6 - Variações do jogo 2: em A, a região da quadra é dividida em quadrantes; em B, a quadra é dividida em três setores. As cores dos círculos diferenciam as equipes.

Também são mantidos neste jogo os três princípios operacionais ofensivos (conservação da posse da bola, progressão em direção à meta adversária e anotação do ponto) e os três defensivos (recuperação da posse da bola, impedir a progressão do adversário e evitar a anotação dos pontos adversários). Algumas variações podem ser apresentadas, como a alteração da região para anotação do ponto ou o número de bolas em jogo, por exemplo.

Atividades analíticas:

Podem ser realizadas em duas ou três colunas para o cruzamento, e em três colunas para a troca de postos específicos. Outro aspecto que deve ser destacado é com relação ao espaço da quadra a ser utilizado, podendo ser nas regiões próximas ao gol ou abrangendo toda a quadra. Na Figura 7A é apresentado um exercício para o desenvolvimento da troca de postos específicos, já na Figura 7B é apresentado um exercício para o cruzamento, ambos sendo desenvolvidos em todo o espaço da quadra.

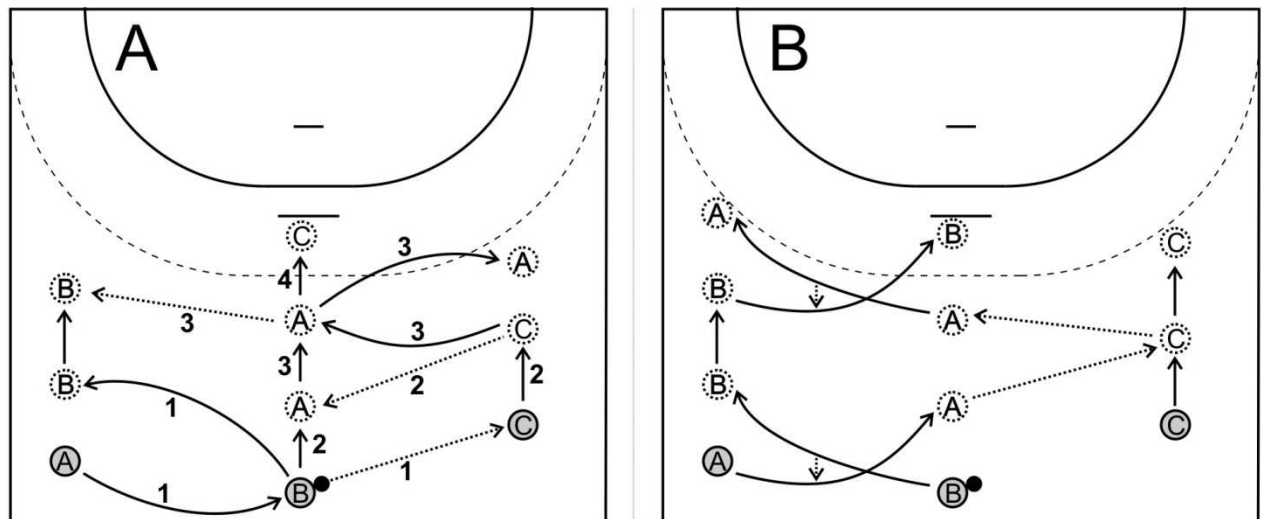


Figura 7 - Exercícios analíticos. Na situação A: troca de postos específicos entre os armadores central e esquerdo (setas com número 1), seguida por troca de postos específicos entre os armadores central e direito (setas com número 3). Na situação B: cruzamentos entre os armadores central e esquerdo, com passe para o armador direito (apoio).

Situação de jogo proposta:

Trata-se de uma situação em meia quadra em superioridade numérica ofensiva (4 x 3, sendo três armadores e um pivô, por exemplo, conforme representado na Figura 8A), na qual a execução do cruzamento ou da troca e postos específicos pode ser executada no setor ofensivo direito ou esquerdo.

A continuidade do jogo ofensivo deverá ser baseada nas relações de oposição: se houver a possibilidade de arremesso, de infiltração, de passe para o pivô ou de um passe para outro armador. As restrições da atividade estão relacionadas aos atacantes não poderem arremessar sem a execução de um ou outro meio técnico-tático e, ao mesmo tempo, devem arremessar no espaço entre os dois triângulos pretos.

- **Variação 1:** a situação é proposta sem o pivô, mas com um ponta (representado na Figura 8B).

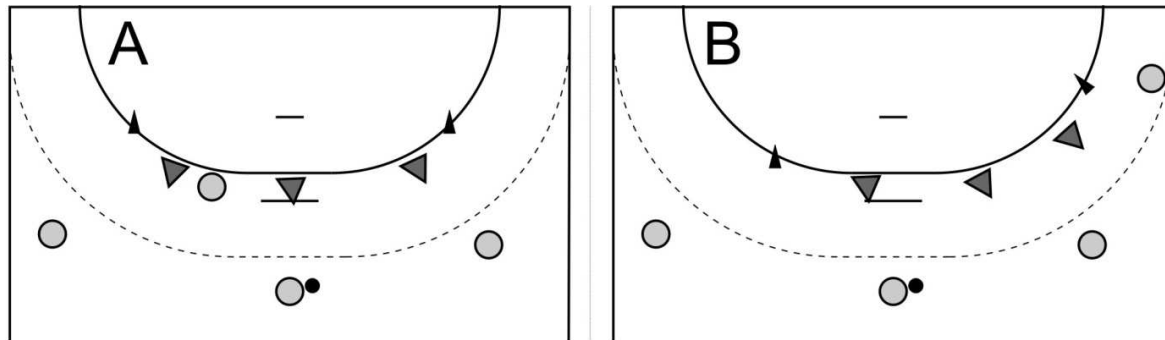


Figura 8 - Representação inicial das situações de jogo apresentadas (ambas em 4x3). Em A: com três armadores e um pivô; em B: com três armadores e um ponta. Os defensores são representados por triângulos e os atacantes por círculos.

Devem ser observadas as possíveis movimentações e ações do pivô (como um bloqueio ou uma cortina), bem como as possibilidades de cruzamentos ou trocas entre jogadores da mesma ou de diferentes linhas ofensivas. Essa situação permite, conforme o comportamento demonstrado pelos jogadores, a adequação das relações numéricas entre atacantes e defensores, seja pela sua manutenção (3 x 2, 5 x 4 e 6 x 5), ou pela sua alteração para uma situação de igualdade numérica (3 x 3, 4 x 4, 5 x 5 e 6 x 6) ou de inferioridade numérica ofensiva (3 x 4, 4 x 5 e 5 x 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo a apresentação da relevância dos meios técnico-táticos ofensivos denominados de cruzamento e troca de postos específicos em situações de jogo, bem como as possibilidades de viabilização desses conteúdos no processo de EAT do handebol.

A partir do conhecimento dos métodos de ensino dos esportes coletivos e da aplicação coerente de seus conteúdos, espera-se que os iniciantes contemplem as vias de acesso ao jogo de bom nível, conforme indicado por Garganta (1995). A facilitação dessa via de acesso se dá principalmente com relação às características de aclaramento (busca pelos espaços vazios e distantes do jogador que possui a bola), à realização de passes e a movimentação após o passe (ou sem a posse da bola). O conjunto dessas três características facilita a tomada de decisão do jogador que possui a bola, podendo estar relacionada, ainda, com as ações eficazes dos mesmos.

Os meios técnico-táticos descritos não constituem, e sequer devem ser considerados, como formas de jogo pré-fabricado (ou jogadas ensaiadas). Entretanto, o desenvolvimento de

ambos deve estar relacionado com as situações impostas pelo contexto técnico-tático do jogo, tais como os posicionamentos dos defensores e dos atacantes e as zonas de maior ou menor vulnerabilidade defensiva. É importante que os jogadores, nas diferentes etapas do processo de EAT, possuam um conhecimento, ou *feedback* (intrínseco, que depende de informações sensoriais dos jogadores; e extrínseco, que se baseia em informações provenientes do meio externo - SCHMIDT; WRISBERG, 2001), sobre seus possíveis erros e os fatores que busquem uma “condição de redução de incerteza [...] fundamental para o processo de aprendizagem” (SIQUEIRA et al., 2010, p.593).

Sendo assim, deve ser priorizada uma iniciação de forma plural e complexa, com situações adequadas aos princípios operacionais ofensivos e defensivos (BAYER, 1994), que respeite a dinâmica inerente a cada uma de suas fases (ofensiva, defensiva e transições) e que possibilite ao jogador tomar decisões autônomas e contextualizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÓN, J.L.G. **Balonmano**: fundamentos y etapas de aprendizaje. Madrid: Gymnos Editorial, 1990.

ANTÓN, J.L.G. **Balonmano**. Táctica grupal ofensiva: concepto, estructura y metodología. Madrid: Gymnos Editorial, 1998.

ANTÓN, J.L.G. **Balonmano**: perfeccionamiento e investigación. Barcelona: INDE Publicaciones, 2000.

BALBINO, Hermes Ferreira; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e os Jogos Desportivos Coletivos na ótica as Inteligências Múltiplas. In: **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. cap. 9, p.137-155.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CALVO, T.G.; HERRERO, J.A.G.; LEGARRA, I.A. Análisis de la estructura del ataque de equipos de alto nivel de balonmano. **Apunts: Educación Física y Deportes**, n.76, p.53-58, 2004.

CUESTA, J.G. **Balonmano**. Madrid: Comitê Olímpico Espanhol, 1991.

EHRET, A.; SPÄTE, D.; SCHUBERT, R.; ROTH, K. **Manual de handebol**: treinamento de base para crianças e adolescentes. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

GALATTI, L.R.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas – SP. **Conexões**, v.5, n.2, p.31-44, 2007.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Universidade do Porto, 1995, 2ª edição, pp.11-25.

GRECO, P.J. La formación de jugadores inteligentes. **Revista Stadium**, ano 26, p.22-30, 1992.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MENEZES, R.P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13, n.1, p.1-16, jan./abr. 2010.

MENEZES, R.P. Das situações do jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz**, v.17, n.1, p.39-47, jan./mar. 2011.

MOREIRA, I.; TAVARES, F. Configuração do processo ofensivo no jogo de andebol pela relação cooperação/oposição relativa à zona da bola. Estudo em equipas portuguesas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.4, n.1, p.29-38, 2004.

REIS, H.H.B. O ensino do handebol utilizando-se do método parcial. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, año 10, n. 93, 2006. Disponível em: (<http://www.efdeportes.com/efd93/handebol.htm>). Acesso em: 05 de dez. 2010.

ROMERO, J.J.F.; MARTÍNEZ, L.C.; SUÁREZ, H.V.; CARRAL, J.M.C. **Balonmán: manual básico**. Santiago: Edicións Lea, 1999.

SANTANA, Wilton de Carlos. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. cap. 1, p. 1-22.

SANTOS, F.M.; FERNANDEZ, J.; OLIVEIRA, M.C.; LEITÃO, C.; ANGUERA, T.; CAMPANIÇO, J. The pivot player in handball and patterns detection – instrument. **Motricidade**, v.5, n.3, p.29-36, 2009.

SCHMIDT, R.A.; WRISBERG, C.A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SIQUEIRA, A.K.M.; HENRIQUE, R.S.; BELTRÃO, N.B.; CATTUZZO, M.T. Efeito do autocontrole de conhecimento de resultados na aquisição de uma habilidade motora. **Revista da Educação Física/UEM**, v.21, n.4, p.593-601, 4. trim. 2010.

VIEIRA, José Luiz Lopes; VIEIRA, Lenamar Fiorese. Análise e ensino do handebol. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 27, p. 345-354.

Contatos dos Autores:

rafael.pombo@yahoo.com.br

Data de Submissão:

27/05/2011

Data de Aprovação:

13/09/2011